

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Extensão universitária: reflexões sobre gênero, relações étnico-raciais e educação inclusiva

University extension: reflections about gender, ethnic-racial relations, and inclusive education

Extensión universitaria: reflexiones sobre género, relaciones étnico-raciales y educación inclusiva



Maria Alda de Sousa Alves

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), Redenção, Ceará, Brasil.

aldasousa@unilab.edu.br



Michely Peres de Andrade

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

michely.andrade@uece.br



Anderson Souza Oliveira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

anderson.sociologo07@gmail.com



Lilian Maria da Silva Mello

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

lilian.mello@aluno.uece.br



Ana Clara de Castro Lopes

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

clara.castro@aluno.uece.br

Resumo: Sistematiza atividades realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação Inclusiva (GERE/UECE/UNILAB), com o intento de destacar ações extensionistas, mostrando suas influências em públicos como crianças de comunidades periféricas, jovens de escolas públicas, professores em formação inicial e continuada. Alguns aportes teóricos aos quais se recorreu são da autoria de Collins (2021), Dayrell (2001, 2003), Freire (2011), hooks (2013). Reportou-se a metodologias ativas, como protagonismo juvenil, rodas de conversa e oficinas. Como resultados, percebeu-se o quanto ainda é fragilizada a discussão étnico-racial e de gênero, bem como a de inclusão no espaço escolar. Evidenciou-se, também, o potencial da extensão universitária por via de meios didáticos, como a internet, experimentados desde o período da pandemia de covid-19.

Palavras-chave: Extensão. GERE. Relações Étnico-Raciais. Gênero. Inclusão.

Abstract: It systematizes activities carried out by the Research and Extension Group on Ethnic-Racial Relations, Gender, and Inclusive Education (GERE/UECE/UNILAB), intending to highlight extension actions, showing their influence on audiences such as children from peripheral communities, young people from public schools, teachers in initial and continuing education. Some theoretical contributions used are Collins (2021), Dayrell (2001, 2003), Freire (2011), and hooks (2013). It has made use of active methodologies, such as juvenile protagonism, conversation circles, and workshops. As a result, there was the perception of how fragile the ethnic-racial and gender discussion is, as well as the inclusion in the school space. It also demonstrated the potential of university extension through didactic tools such as the internet, experienced since the pandemic period of covid-19.

Keywords: Extension. GERE. Ethnic-Racial Relations. Genre. Inclusion.

Resumen: Sistematiza actividades realizadas por el Grupo de Pesquisa y Extensión sobre Relaciones Étnico-Raciales, Género y Educación Inclusiva (GERE/UECE/UNILAB), con la intención de resaltar acciones extensionistas, mostrando sus influencias en públicos como niños de comunidades periféricas, jóvenes de escuelas públicas, profesores en formación inicial y continuada. Algunos aportes teóricos utilizados son Collins (2021), Dayrell (2001, 2003), Freire (2011), hooks (2013). Se refirió a metodologías activas, como el protagonismo juvenil, círculos de conversación y talleres. Como resultado, se percibió hasta qué punto la discusión étnico-racial, de género e inclusión en el espacio escolar sigue siendo frágil. También se evidenció el potencial de la extensión universitaria a través de herramientas didácticas como internet, experimentadas desde el período de pandemia covid 19.

Palabras clave: Extensión. GERE. Relaciones Étnico-Raciales. Género. Inclusión.

Data de submissão: 26/12/2022

Data de aprovação: 16/05/2023

Introdução

O Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação Inclusiva¹ (GERE) surgiu em 2018, de uma parceria institucional entre a Universidade Estadual de Ceará (UECE) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE). Antes da sua institucionalização como grupo de pesquisa e extensão, ainda em 2017, possuía outra configuração e nome diverso - Coletivo Lélia Gonzalez - composto por estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará. O coletivo tinha como pauta principal os estudos de autores negros e indígenas, cujo objetivo era romper com a lógica canônica do campo das Ciências Sociais.

A sigla GERE nos remete, conforme sugerido, à ideia de gerar, conceber, criar, fazer nascer algo. Neste caso, o nosso “gerar” é coletivo, uma soma de muitas mãos, mentes e afetos. Gerar, nessa perspectiva, nos conduz à produção de conhecimentos oriundos de ações práticas do mundo da vida e extramuros acadêmicos.

Desde seu surgimento, o grupamento atua, especialmente, no âmbito da extensão universitária, mas também da pesquisa, nas seguintes linhas: Educação e relações-étnico raciais; Educação, gênero e sexualidade; Culturas escolares, juventudes e ensino médio; e, mais

¹ Acrescentamos à descrição da sigla GERE a palavra inclusiva em março de 2023. Desde então, o Grupo passou a denominar-se Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico Raciais, Gênero e Educação Inclusiva.

recentemente, na linha Educação inclusiva, valorização das diferenças e políticas públicas.

No texto ora relatado, sistematizamos algumas ações desenvolvidas “entre as linhas” nestes quatro anos de existência do conjunto sob exame, visando a mostrar aos leitores relatos de experiência da extensão universitária, suas influências em públicos como crianças de comunidades periféricas, jovens de escolas públicas, professores em formação inicial e continuada. Ressaltamos, também, a importância da extensão na universidade pública.

Para Moura e Rodrigues (2022), é importante pensar que a extensão universitária não é percebida como uma zona de filantropia ou doação de saberes. As autoras mencionam a notoriedade de um debate dialógico entre a comunidade externa e a Universidade, com a proposição de ações que promovam conhecimentos e experiências de maneira exponencial.

Ainda sobre a extensão universitária, corroboramos o sentido freiriano sobre o assunto. Consoante Freire (2011), impõe-se atenção ao uso do termo *extensão*, pois designa uma maneira de doação e até invasão de cultura, no âmbito do qual a comunidade seria apenas receptora de um saber verticalizado. Em tal direção, mais aproximamos o debate e atividades em uma perspectiva libertadora, a fim de compreender a realidade dos sujeitos participantes, para que sejam realizadas as ações (FREIRE, 2011).

As atividades desenvolvidas pelo GERE, à extensão desses anos, obedecem a algumas das diretrizes da Política

Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), tais como: interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, interação dialógica com a comunidade e influências na formação de estudantes, em especial, discentes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

No tocante à divulgação destas atividades, o GERE conta com uma página na rede social Instagram, bem como mantém um *blog*, visando ao estabelecimento de uma memória de ações. Ele conta, ainda, com o apoio da assessoria de comunicação das universidades parceiras, ou seja, UNILAB e UECE, na divulgação de seus eventos.

Conjugadas as atividades de cunho extensionista do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação Inclusiva, devemos registrar o fato de que seus integrantes produzem, simultaneamente, conhecimentos em formato de textos escritos, sejam eles Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), resumos e artigos enviados para eventos científicos, bem como publicações em revistas e livros.

Em aditamento a essas atividades, cabe dizer que, durante os dois primeiros anos da pandemia de covid-19, o grupamento priorizou uma série de ações remotas, sejam elas grupos de estudos, *lives* e rodas de conversas que agregaram um número expressivo de participantes. Estas ações estão, detalhadamente, descritas nas linhas que se seguem, com o escopo de mostrar ao leitor um panorama geral referente à sua atuação, uma vez que esta unidade de

estudo está cadastrada no diretório de grupos e pesquisas do CNPq, desde 2018.

Destarte, para a elaboração deste relato de experiência, o texto está organizado da seguinte maneira: 1) Introdução, onde apresentamos o grupo de pesquisa e extensão, bem como situamos suas atividades; 2) Educação, gênero e relações étnico-raciais: diálogos, tensões e desafios para a extensão universitária, para fazermos referência, especificamente, sobre do projeto Abayomi; 3) Extensão universitária no contexto da pandemia e do ensino remoto, oportunidade em que relatamos sobre as atividades extensionistas no período pandêmico, como a série Biografias; 4) Educação inclusiva, valorização das diferenças e políticas públicas, segmento no qual mostramos essa nova temática em nosso grupo e eventos associados a ela; e 5) Considerações finais.

Educação, gênero e relações étnico-raciais: diálogos, tensões e desafios para a extensão universitária

O debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil e a sua interface com a seara da Educação é basilar em diversas atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas pelo GERE. De outra parte, é importante frisar que o debate racial não é apartado de aspectos como gênero, classe, território, geração e deficiência. Essa indissociabilidade é fundamental e a tomamos como horizonte teórico e

epistemológico que orienta nossas atividades de pesquisa e extensão.

Para isso, nos louvamos no conceito de *interseccionalidade* (COLLINS, 2021). Consoante essa autora, as pessoas usam a interseccionalidade como meio analítico de maneiras variadas para abordar um conjunto de problemas sociais. Na senda das Ciências Sociais, a interseccionalidade opera em análises sobre raça, gênero e classe que necessitem de maior densidade teórica e metodológica, sobretudo quando são tratadas na sua interface com a educação. Corroboramos a tese de Collins (2021), para quem a interseccionalidade é um meio analítico de compreensão social que investiga como as relações de poder são perpassadas por marcadores de raça, classe, gênero, territorialidade, entre outros, que, historicamente, perpetuam a hierarquização e subalternização de pessoas e grupos sociais. Tal conceito nos auxilia, desse modo, a compreender a complexidade do mundo e das variadas modalidades de opressão, tal como estas se entrelaçam.

Refletindo sobre a linha de pesquisa e extensão intitulada *Educação e relações étnico-raciais*, outros aspectos, também, precisam ser levados em conta no planejamento e nas nossas leituras de mundo, tais como: a geração (se trabalhamos com jovens ou crianças); a territorialidade (a depender do espaço e do público das ações extensionistas); as metodologias de ensino (se estamos inseridos em escolas ou espaços educacionais não escolares), entre outros. No último aspecto, optamos pela metodologia do protagonismo

juvenil, no contexto da qual o jovem ocupa um lugar de centralidade no ensino-aprendizagem, sendo incentivado a participação, corresponsabilidade e autonomia, seja em espaços de educação formal ou informal.²

São muitos os autores necessários para o embasamento teórico e metodológico da ação extensionista na sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa. Para isso, criamos um grupo de estudos que se organiza em ciclos temáticos, cujo objetivo é promover o diálogo e a troca de saberes com estudantes dos cursos de licenciatura e docentes da rede básica de ensino. Autoras e autoras como Nilma Lino Gomes (2017), Kabengele Munanga (2019), Abdias Nascimento (2016), Frantz Fanon (2008), Maria Aparecida Silva Bento (2022), Maria Teresa Eglér Mantoan (2020), Ailton Krenak (2019) e bell hooks (2013; 2021) já figuraram entre os intelectuais que tiveram as suas obras lidas e debatidas em encontros presenciais e *on-line*. Os ciclos de estudos nos auxiliam a atualizar as referências teóricas que entendemos como imprescindíveis para a formação de docentes antirracistas e que defendem uma educação inclusiva e comprometida com os Direitos Humanos. Nas linhas à continuação, reportamo-nos a dois projetos de extensão vinculados à linha Educação e relações étnico-raciais: Abayomi e Biografias.

O Projeto Abayomi foi nossa única atividade extensionista direcionada para o público infantojuvenil, cujo

² Sobre o conceito de protagonismo juvenil, consultar Costa (2000).

trabalho foi desenvolvido em um espaço de educação não formal. O projeto se desenvolveu em 2018 e 2019, no espaço ABC, localizado no bairro Serrinha, território negro e periférico da cidade de Fortaleza/CE. Compreendemos o ABC como espaço de educação não formal, com suporte nas definições de Maria da Glória Gohn (2009) e Moacir Gadotti (2005). O ABC conforma espaços não hierarquizados, tendo seus programas de aprendizagens variados, a depender de seus objetivos e sujeitos envolvidos.

O ABC Serrinha é um aparelho cultural educacional vinculado ao Projeto Social do Centro de Formação e Inclusão Nossa Senhora de Fátima, organização social que tem como objetivo fortalecer os laços familiares e da comunidade. Escolhemos a palavra *Abayomi*, em razão do seu significado político e afetivo para o movimento negro no Brasil, sobretudo de mulheres negras. *Abayomi* tem origem etimológica no lorubá e significa “encontro precioso” ou “aquela que traz alegria”.

As *Abayomis*³ são bonecas pretas de pano e sua origem ainda não foi totalmente desvelada pelos historiadores. Uma das versões afirma que as bonecas eram feitas por

³ Fontes: “Bonecas *Abayomi*: símbolo de resistência, tradição e poder feminino”. Disponível em:

<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/> Acesso: 10/04/2023; Boneca *Abayomi*: porque a origem romantizada dura mais?”. Disponível em:

<https://www.conexaolusofona.org/bonecas-abayomi-por-que-a-origem-romantizada-dura-mais/> Acesso: 10/04/2023.

mães africanas, ainda no período da escravidão, na tentativa de acalmar e conter o choro das crianças transportadas como animais nos navios tumbeiros. A artesã Lena Martins, por outro lado, afirma ter sido a criadora das bonecas, que marcaram a sua trajetória como integrante do movimento de mulheres negras no Brasil, durante os anos de 1980 e 1990. Segundo Lena, a inspiração para a criação das Abayomis surgiu da sua mãe, costureira, que fazia bonecas tradicionais.

O objetivo do Projeto Abayomi consistiu em desenvolver atividades que possibilitaram o reconhecimento étnico-racial de crianças e adolescentes, todas elas moradoras do bairro Serrinha. Com procedência nas atividades lúdicas, como jogos, cines e confecção de máscaras africanas, o projeto também tinha como um dos seus objetivos contribuir com o sentimento de pertença das crianças e adolescentes com o bairro, que, durante muitos anos foi noticiado pelos meios de comunicação como território da violência. Tais produtos midiáticos desconsideram a produção cultural do bairro, as redes de afeto e solidariedade, assim como as suas organizações políticas. São representações dos *media* que geram uma série de distorções na autoimagem e na autoestima das crianças e adolescentes do bairro, em sua maioria negras. As bonecas Abayomis foram reiventadas pelo projeto de extensão como legítimo e potente canal de comunicação com as crianças.

As atividades do projeto, ainda que tivessem como proposta a criação de situações lúdicas, não tinha como objetivo a mera diversão, mas sim uma finalidade pedagógica (HUIZINGA, 2012). Estimulando a criatividade e o senso reflexivo das crianças, atividades como o jogo da memória racial tinham como objetivo dialogar com as crianças e adolescentes sobre personalidades negras brasileiras. Intelectuais, cientistas, políticos, atletas e artistas negros povoaram o jogo da memória racial.

Os debates orientados para o público infantil ainda são bastante ausentes dos espaços educacionais, o que enseja uma série de distorções na percepção e na formulação da autoimagem dessas crianças (SANTIAGO, 2021). O bairro Serrinha, em Fortaleza, é *locus* de movimentos sociais diversos, que trazem à tona lutas e pautas, como direito à cidade, à educação ambiental e à valorização dos espaços periféricos. O papel da extensão universitária, desse modo, torna-se fundamental para o diálogo entre a Universidade e a comunidade, no sentido de encontrarmos opções comuns para o bem viver em tempos de crise e de sucateamento das políticas públicas.

Em decorrência da pandemia de covid-19, as atividades de extensão precisaram ser repensadas e adaptadas ao modelo remoto. Com efeito, os interlocutores de nossas ações passaram a ser jovens do Ensino Médio.

Extensão universitária no contexto da pandemia e do ensino remoto

O segundo projeto de extensão a ser objeto de nossas análises é a série Biografias. Esta atividade aflorou no contexto da pandemia e do ensino remoto, no qual as tecnologias digitais e as redes sociais se tornaram recursos imprescindíveis para a prática docente. O Biografias também surgiu em um contexto de negação de direitos e da tentativa de institucionalização do apagamento histórico das populações negras e o seu legado no Brasil.

No ano de 2020, Sérgio Camargo, que ocupava o importante cargo de presidente da Fundação Cultural Palmares, publicou, por meio de um comunicado, que 27 nomes e textos biográficos seriam excluídos da lista de Personalidades Negras da instituição. Em poucas semanas, a lista de nomes aumentou, incluindo artistas, intelectuais, esportistas e ativistas, o que causou bastante indignação na sociedade civil. O fato ocorreu após o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 478/2020, que mudou os critérios para a nomeação de personalidades negras a serem homenageadas no *site* do órgão. Esse *modus operandi* do Governo de então deixa ainda mais nítido o “epistemicídio” enraizado nas instituições e no projeto de supremacia branco. Como assinala Sueli Carneiro,

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender. (2005, p. 97).

Desse modo, o GERE propôs como atividade de extensão, o projeto Biografias, compreendido como tática de resistência ao “epistemicídio”. Após realizado o estudo de uma determinada personalidade, as bolsistas do GERE elaboravam textos curtos e uma arte (*card*) para serem divulgados no Instagram. As biografias produzidas foram divulgadas quinzenalmente, durante o período de julho de 2020 a outubro de 2021. Eis alguns dos nomes que fizeram parte da série: Virgínia Leone Bicudo, Arthur Timótheo da Costa, Paulina Chiziane, Ruth de Souza, Tereza de Benguela, Ryane Leão, Jarid Arraes, Antonieta de Barros, Madame Satã, Melânia Luz, Guerreiro Ramos, Sueli Carneiro e Chinua Achebe. Tais personagens nos ajudaram a “[...] reconstruir o passado, nomeando, assim, a violência do nosso presente e também a atuação incansável desses que foram verdadeiros protagonistas da nossa história”. (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ; 2021, p.10).

Como tática de resistência ao *modus operandi* do "epistemicídio", a Série Biografias foi inspirada pelo texto *O perigo de uma história única*, da romancista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019). A autora nos alerta para os perigos de analisar e estabelecer a perspectiva única dos acontecimentos históricos, o que nos leva a desconsiderar outras possibilidades, versões e narrativas. Romper com a história única é reconhecer que os sujeitos, historicamente subalternizados, formulam, eles próprios, a história e as narrativas do seu povo.

Com esteio nesse horizonte epistemológico, outras referências também foram importantes durante a elaboração e desenvolvimento da Série Biografias. Citamos o livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*, da escritora negra e cearense Jarid Arraes (2021). Nessa obra, a cordelista nos dá a conhecer as histórias de 15 negras revolucionárias, que participaram da libertação de pessoas escravizadas, contribuíram com a alfabetização de crianças e jovens negros e lideraram quilombos. Outra obra a ser citada é a **Enciclopédia Negra**, de autoria de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilian Moritz Schwarcz (2021), que visa a reestabelecer o protagonismo negro, contar as histórias antes apagadas e invisibilizadas.

Destacamos o fato de que o trabalho de produzir e veicular essas biografias em uma plataforma digital levou todo o grupo a conhecer melhor estas personagens negras. Assim, quando qualquer partícipe do grupo escrevia a biografia, esta era totalmente compartilhada para que

revisássemos, sugeríssemos e, principalmente, conhecêssemos sua herança. Essa elaboração coletiva fez com que o trabalho de extensão contribuísse para o fortalecimento dos vínculos em um período de isolamento social. Demais disso, concorreu para o exercício da produção textual dos discentes, habilidade tão importante na formação de cientistas sociais.

Com a crise sanitária gerada pela pandemia do covid-19, a realização de nossas atividades e encontros presenciais precisou de várias adaptações. Assim, os ciclos de estudos, ações extensionistas e reuniões de planejamento passaram a acontecer todas sob o formato *on-line*, por meio da plataforma *Google Meet*. A metodologia a que mais recorreremos durante a pandemia foi a roda de conversa, que, para Mélló (2007), maior engajamento e mais discussão, colaborando para a formação de narrativas e fornecendo subsídios para posicionamentos. Ao mesmo tempo em que as pessoas escutam a opinião de outras, ocorrem elaborações próprias a respeito do mesmo assunto.

Foram realizadas diversas rodas de conversa e com temas bastante variados, tais como: Juventudes e emoções, Branquitude, Educação inclusiva, Educação intercultural e juventudes indígenas, Educação quilombola, entre outras. No primeiro ano de pandemia, o público participante dessas rodas de conversa foi, em sua maioria, composto por estudantes do Ensino Superior e professores.

De 2021 em diante, o GERE passou a contribuir com a “curricularização” da extensão, proposta pelo Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, em conformidade com a Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018. Este texto legal estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 - 2024, e dá outras providências. Nomeadamente, na estratégia 12.7, da Meta 12, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) volta a trazer o tema e orienta os cursos de graduação a assegurarem 10% de seus créditos curriculares em programas e projetos de extensão universitária.

No curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UECE, por exemplo, os componentes curriculares de extensão fazem parte das disciplinas obrigatórias e optativas. Uma das disciplinas eletivas que integraliza a extensão no curso chama-se *Educação das relações étnico-raciais*. Sua carga horária está dividida em aulas teóricas e atividades práticas, a exemplo de realização de oficinas pedagógicas em espaços de educação escolar e não escolar, elaboração de material didático, entre outros.

Para Vieira e Machado (2021), pensar na “curricularização” da ação extensionista é promover o debate sobre o projeto político-pedagógico dos cursos de graduação, bem como da Universidade. Esta é uma via importante para se estabelecer uma identidade positivada, tanto dos cursos de graduação quanto dos próprios

projetos de extensão. Além disso, o protagonismo juvenil, como metodologia que preza a participação dos jovens no processo de ensino-aprendizagem, será alcançado caso exista um planejamento adequado.

Em substituição às oficinas presenciais, foram realizadas rodas de conversa virtuais. As atividades tiveram o apoio do GERE em parceria com uma escola profissionalizante, localizada no Bom Jardim, bairro periférico da cidade de Fortaleza. O público participante foi de jovens do Ensino Médio, com idade dos 16 aos 18 anos, com matrículas no Ensino Médio. De agosto a novembro de 2021, foram abordados os seguintes temas: 1) Nossos passos vêm de longe. Por que falar de africanidade e ancestralidade nas escolas?; 2) Mulheres negras e representatividade; 3) Miscigenação, colorismo e políticas públicas no Brasil; 4) Branquitude e racismo estrutural no Brasil.; 5) Culturas afro diaspóricas e apropriação cultural.

Os encontros foram mediados por duplas de bolsistas do GERE e pela professora coordenadora da linha Educação e Relações Étnico-Raciais. Com suporte na percepção de jovens, notamos o modo como o debate sobre África e ancestralidade ainda é pouco abordado em sala de aula, mesmo após quase 20 anos da Lei 10.639/03, alterada pela Lei número 11.645/08. Os estudantes chegaram a afirmar que, quando trabalhados em sala de aula, temas como ancestralidade afro-indígena, racismo e apropriação cultural, não tinham o aprofundamento necessário, sendo

tratados de maneira rápida e sem as metodologias de ensino apropriadas.

Uma das rodas de conversa realizada pelo GERE, durante esse período, contou com a parceria do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, tendo como tema *Racismo e relações étnico-raciais no Brasil*. A roda de conversa aconteceu em formato remoto, via *Google Meet*, com a turma do Ensino Médio da Escola E.E.E.P Darcy Ribeiro, localizada em Fortaleza/CE. Antes da atividade, foi realizada uma pesquisa, via *Google Forms*, para sabermos quais os temas de interesse desses estudantes e, desde o início, se tiveram autonomia para decidir o tema que gostariam de debater.

Promover esses debates na escola pública é fundamental para entendermos as percepções de jovens a respeito das tensões e desigualdades raciais resultantes de mais de três séculos de escravidão no País. Ao abordar sobre o tema Racismo no Brasil, não poderíamos abdicar de debater sobre cultura e a produção cultural das populações negras e periféricas. Uma dessas criações é o *rap*. Para abrir o debate na roda de conversa, escolhemos a música *Negro Drama*, do grupo Racionais MCs. A letra retrata o sonho de uma pessoa que almeja crescer no mundo musical e faz críticas ao Estado, denunciando a violência policial contra as pessoas negras e a discriminação que estas sofrem cotidianamente. O *rap* possibilita reflexões necessárias para a efetivação de uma educação antirracista em sala de aula.

A música foi fundamental para o estabelecimento de um elo entre o grupo que estava mediando a atividade e estudantes do Ensino Médio.

A escola, ao tentar padronizar os jovens, não reconhece toda a efervescência artística e política das culturas juvenis, sobretudo das juventudes negras e periféricas. Os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, elaborando uma cultura própria (DAYRELL, 2001; 2003). Utilizar o *rap Negro Drama* possibilitou maior interação e reconhecimento dos estudantes com o tema abordado na roda de conversa.

Em *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, hooks (2021) defende a educação como uma comunidade amorosa. Experimentar ambientes onde tenham curso modos alternativos de pensar é parte imprescindível para constituir uma educação afetuosa e democrática. A contribuição que fazemos em sala de aula é uma formulação diária. O espaço que estamos ocupando é marcado por desafios e lutas, mas é o mesmo *locus* que, juntos, criamos; é uma comunidade, como pontua hooks (2021).

Educação inclusiva, valorização das diferenças e políticas públicas

Haja vista a diversidade de linhas de atuação do GERE, impende, também, mencionar, na feitura deste relato de

experiências, algumas atividades contingenciais realizadas no tocante à temática da Educação inclusiva. A linha de pesquisa e extensão *Educação inclusiva, valorização das diferenças e políticas públicas* é uma das mais recentes do grupo, criada em 2021 com base em reflexões surgidas em grupo de estudos sobre “o normal/anormal” na educação, com base na obra de Michel Foucault. Com procedência nesse estudo, realizamos uma roda de conversa com uma especialista no tema da educação inclusiva e uma educadora infantil, com mediação de uma das coordenadoras do grupo.

Em 2021, o GERE somou forças ao Laboratório de Ensino e Práticas Sociais (LAPRÁTICAS), da Universidade Estadual do Ceará, participando, ativamente, durante dois semestres letivos, do grupo de estudos sobre Educação inclusiva. Na ocasião, estudamos o livro *Educação e inclusão: entendimentos, proposições e práticas*⁴. Em decorrência desta atividade, foi realizada uma roda de conversa, tendo como convidada a professora da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do grupo Pró-inclusão, professora doutora Geny Lustosa, referência na temática.

Em alusão ao dia 21 de março, Dia Internacional da Síndrome de Down, recorrendo à “sétima arte”, realizamos um cine-debate com o filme *Um lugar para todo mundo* (BRASIL, 2021). O documentário nos convida ao estranhamento e à mudança de paradigmas relativos a

⁴ Rosângela Machado e Maria Tereza Égler Mantoan organizaram o livro, publicado em 2021.

histórias de vida de pessoas com deficiência intelectual, no que toca a acessibilidade e permanência em instituições educativas. A obra cinematográfica corrobora pesquisas científicas, ao constatar que ambientes que valorizam a diferença é benéfico para alunos com e sem deficiência. Entre crianças com síndrome de Down, há evidências de que a quantidade de tempo vivenciado com colegas sem deficiência está associada a melhor memória, habilidades de linguagem e alfabetização. (ALANA, ABT Associates, 2016).

Outras ações do grupo referente a esta linha de pesquisa e atividade extensionista são as orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso de discentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), estudantes de Sociologia e Pedagogia.

Recentemente, ajudamos a elaborar a I Semana de Inclusão e Acessibilidade do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, intitulada *Diálogos que rompem barreiras: educação inclusiva, lutas e afetos*. O evento foi realizado em parceria com a Universidade da Integração Internacional Lusofonia Afro-Brasileira e o Grupo Pró-Inclusão, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Na qualidade de grupo de pesquisa e extensão, vinculado a universidade pública, levantamos a bandeira do direito humano à educação como uma das mais potentes para a promoção da equidade social. Acreditamos - e tal

almejamos - numa sociedade livre de racismo, sexismo e “capacitismo”, promotora de um bem viver para todos.

Considerações Finais

A extensão universitária conquista, *pari-passu*, o merecido espaço nas universidades, graças a uma intensiva mobilização ocorrida na última década, envolvendo pró-reitorias de extensão, professores/as, pesquisadores, movimento estudantil, lideranças comunitárias e movimentos populares de bairro. Tal mobilização resultou na “curricularização” da extensão, garantindo que 10% da carga horária do currículo dos cursos de Bacharelado e Licenciatura sejam destinados a disciplinas comprometidas com atividades extensionistas e com o diálogo com a comunidade extra-acadêmica. Os espaços educacionais, *in hoc sensu*, são os mais procurados pelos projetos e programas de extensão, a fim de nutrir e fortalecer os vínculos entre a comunidade e as universidades.

Em um período histórico e político conturbado, quando esses espaços foram deslegitimados, tanto por meio do Governo quanto da Sociedade, é importante repensarmos a maneira como fazemos a extensão universitária, a fim de que percebamos, ainda mais, o potencial dessas ações que dialogam com a sociedade civil (VIEIRA; MACHADO, 2021). Assim, desde essa perspectiva, executamos com êxito ações para promover o pensamento crítico de crianças e

adolescentes, assim como de docentes que participaram das atividades.

A ação extensionista com crianças, realizada no Projeto Abayomi, se tornou um momento significativo no GERE por haver repercutido em um público-alvo que não representa o perfil de atuação das Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará. Logo, o desafio se tornou mais evidente. A identificação das crianças com personagens negros de ficção, música, telenovelas e outros recursos midiáticos, utilizados nas oficinas, representou momentos de grande aprendizado para todo o grupo, revelando a necessidade de uma educação antirracista desde os anos iniciais da educação. O fato de se reconhecerem na qualidade de sujeitos seccionalmente marcados pela raça, classe e gênero, ensejou-nos a promoção de um debate lúdico, fundamentado teórica e metodologicamente.

Após a finalização dos projetos, percebemos o quanto ainda é fragilizada a discussão étnico-racial no espaço escolar. Isto por dois motivos: 1) a percepção de estudantes sobre este assunto se baseia em discursos do senso comum e parte de uma concepção generalizada sobre a população negra e quilombola brasileira; e 2) faltam referências “afrocentradas” a serem utilizadas para reflexões junto aos jovens escolares. Neste sentido, acreditamos que contribuímos para a visibilização de obras e discussões que têm como cerne o problema racial. Em adição, sobrou tangível o modo como diversos pontos foram suscitados

pelos estudantes durante os encontros remotos que aconteceram.

No período de atividades remotas, em consequência da multicitada pandemia, foi preciso reinventar a extensão universitária com apoio em ações que tinham como transmissibilidade a internet e seus mecanismos. A série Biografias, por mais que não tenha sido concebida durante este período, também teve como característica o meio digital, em decorrência da sua divulgação, que aconteceu por meio de rede social. De tal sorte, percebemos o potencial educacional que os meios digitais e a internet são passíveis de oferecer para uma educação inclusiva, antirracista e que respeite a diversidade sexual de quem faz o espaço escolar.

O Grupo de Pesquisa e Extensão sobre as Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação Inclusiva (GERE) mobiliza-se, com frequência, com vistas a contribuir com a efetivação das Leis números 10.639/03 e 11.645/08, além de promover *lócus* de formação docente para a inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiência. Reconhecemos, neste aspecto, ser essencial desconstruir visões “capacitistas”, com arrimo no conhecimento de leis e declarações internacionais que garantem o direito a uma educação de qualidade para todos, da Educação Básica ao Ensino Superior, considerando as diferenças.

Dentre as influências observadas nas mais variadas atividades extensionistas do GERE, ressaltamos: 1) a valorização do conhecimento e dos saberes da comunidade

no transcorrer das oficinas; 2) a diversidade epistemológica e teórica exercitada nos nossos grupos de estudo; 3) o reforço à importância do debate sobre o problema racial, de gênero e do “capacitismo” produz conflitos e impõe desafios à Universidade; 4) as ações de extensão nos fazem pensar as teorias, as metodologias e os próprios sujeitos envolvidos, por compreender a educação sob o princípio da imprevisibilidade e do inacabamento.

Arrimadas na Pedagogia crítica e engajada de Freire (2011) e hooks (2013), promovemos ações extensionistas que ensejem, cada vez mais, a participação de crianças e jovens dos meios populares, bem como de professores do ensino público, no âmbito da qual os mais variados saberes são acolhidos e socializados para toda a comunidade. Para isso, teoria e prática são indissociáveis, assim como devem ser o ensino, a pesquisa e a extensão.

Referências

- ADICHIE, CHIMAMANDA NGOZI. **O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.
- ARRAES, JARID. **HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS: EM 15 CORDÉIS**. ILUSTRAÇÕES: GABRIELA PIRES. SÃO PAULO: SEGUINTE, 2020.
- BENTO, CIDA. **PACTO DA BRANQUITUDE**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2022.
- BRASIL. LEI 11.645/08 DE 10 DE MARÇO DE 2008. **DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO**, PODER EXECUTIVO, BRASÍLIA.
- CARNEIRO, SUELI. "DO EPISTEMICÍDIO". *IN*: **A CONSTRUÇÃO DO OUTRO COMO NÃO-SER COMO FUNDAMENTO DO SER**. TESE DE DOUTORADO. SÃO PAULO: USP, 2005.
- COLLINS, PATRICIA HILL; BILGE, SIRMA. **INTERSECCIONALIDADE**. SÃO PAULO: BOM TEMPO, 2021.
- COSTA, ANTÔNIO CARLOS GOMES. **PROTAGONISMO JUVENIL: ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA**. SALVADOR: FUNDAÇÃO ODEBRECHT, 2000.
- CHEVALIER, HENRI. BONECAS ABAYOMI: POR QUE A ORIGEM ROMANTIZADA DURA MAIS? **CONEXÃO LUSÓFANA**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.CONEXAOLUSOFONA.ORG/BONECAS-ABAYOMI-POR-QUE-A-ORIGEM-ROMANTIZADA-DURA-MAIS/](https://www.conexaolusofona.org/bonecas-abayomi-por-que-a-origem-romantizada-dura-mais/) . ACESSO EM: 10 ABRIL DE 2023.
- DAYRELL, JUAREZ. (ORG.) "A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIOCULTURAL". *IN*: **MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE EDUCAÇÃO E CULTURA**. 2ª. REIMPRESSÃO. BELO HORIZONTE, MG: ED. UFMG, 2001.
- DAYRELL, JUAREZ. "O JOVEM COMO SUJEITO SOCIAL". **REV. BRAS. EDUC.** [ON-LINE]. 2003, N. 24, PP.40-52. DISPONÍVEL EM:< [HTTPS://WWW.SCIELO.BR/J/RBEDU/A/ZSHS7SVBPxKYmVcX9GWSDty/?format=pdf](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvBPxKYmVcX9GWSDty/?format=pdf) >. ACESSO EM: 01/09/2022.
- FANON, FRANTZ. **PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS**. SALVADOR: EDUFBA, 2008.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS: POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. MANAUS: FORPROEX, 2012.

FREIRE, PAULO. **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?** SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2011.

GADOTTI, M. **A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL/NÃO-FORMAL.** SION, SUISSE: INSTITUT INTERNATIONAL DÉS DROITS DE L'ENFANT - IDE, 2005.

GOHN, MARIA DA GLÓRIA. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL, EDUCADOR(A) SOCIAL E PROJETOS SOCIAIS DE INCLUSÃO SOCIAL. *In: META: AVALIAÇÃO.* RIO DE JANEIRO: FUNDAÇÃO CENSGRARIO, v. 1, n. 1, p.28-43, JAN./ABR. 2009.

GOMES, FLÁVIO DOS SANTOS; LAURIANO, JAIME; SCHWARCZ, LILIAN. **ENCICLOPÉDIA NEGRA.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2021.

GOMES, NILMA LINO. **O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: SABERES CONSTRUÍDOS NAS LUTAS POR EMANCIPAÇÃO.** PETRÓPOLIS: RJ, VOZES, 2017.

HOOKS, BELL. **ENSINANDO COMUNIDADE: UMA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA.** TRAD. KENIA CARDOSO. SÃO PAULO: ELEFANTE, 2021, 304 PP.

_____. **ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE.** SÃO PAULO MARTINS FONTES, 2013.

HUIZINGA, J. **HOMO LUDENS: O JOGO COMO ELEMENTO DA CULTURA.** 7.ED. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2012.

INSTITUTO ALANA. **OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ESTUDANTES COM E SEM DEFICIÊNCIA.** DISPONÍVEL EM: <
[HTTPS://ALANA.ORG.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2016/11/Os BENEFICIOS DA ED I
NCLUSIVA_FINAL.PDF](https://alana.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Os_Beneficios_da_Ed_Inclusiva_Final.pdf)> ACESSO EM: 22/09/2022.

KRENAK, AILTON. **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.

MACHADO, ROSÂNGELA, MANTOAN, MARIA TEREZA EGLÉR (ORG.) **Educação e Inclusão: ENTENDIMENTOS, PROPOSIÇÕES E PRÁTICAS.** BLUMENAU: EDIFURB, 2020.

MÉLLO, RICARDO PIMENTEL; SILVA, ALYNE ALVAREZ; LIMA, MÁRIA LÚCIA CHAVES; DI PAOLO, ANGELA FLEXA. CONSTRUACIONISMO, PRÁTICAS DISCURSIVAS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA. **PSICOLOGIA E SOCIEDADE**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MOURA, A. P. A.; RODRIGUES, S. A. DE S. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EJA: RUPTURA COM O SILENCIAMENTO DAS QUESTÕES RACIAIS. **REVISTA UFG**, GOIÂNIA, v. 22, n. 28, 2022. DOI: 10.5216/REVUFG.V22.73194. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UFG.BR/REVISTAUFG/ARTICLE/VIEW/73194](https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/73194). ACESSO EM: 12 ABR. 2023.

MUNANGA, KABENGELE. **NEGRIUDE**: USOS E SENTIDOS. [1988]. 4. ED. SÃO PAULO: AUTÊNTICA, 2019.

NASCIMENTO, ABDIAS. **O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO**: PROCESSO DE UM RACISMO MASCARADO. SÃO PAULO: EDITORA PERSPECTIVA, 2016.

SANTIAGO, FLÁVIO. **EU QUERO SER O SOL!** CRIANÇAS PEQUENINHAS, CULTURAS INFANTIS, CRECHE E INTERSECÇÃO. 2.ED. SÃO CARLOS, SP: PEDRO E JOÃO EDITORES, 2021.

UM LUGAR PARA TODO MUNDO. DIREÇÃO OLIVIER BERNIER. PRODUÇÃO ROTA 6 FILMES E MARIA FARINHA FILMES. BRASIL, 2021. GLOBO PLAY FILMES-YOUTUBE. (1H E 43 MIN).

VIEIRA, A. J. H. .; MACHADO, M. J. GESTÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA TRILHA TRANSDISCIPLINAR DA CURRICULARIZAÇÃO. **REVISTA UFG**, GOIÂNIA, v. 21, n. 27, 2021. DOI: 10.5216/REVUFG.V21.68272. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UFG.BR/REVISTAUFG/ARTICLE/VIEW/68272](https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/68272). ACESSO EM: 12 ABR. 2023.

VIEIRA, KAUÊ. BONECAS ABAYOMI: SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA, TRADIÇÃO E PODER FEMININO. **AFREKA**, DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.AFREKA.COM.BR/NOTAS/BONECAS-ABAYOMI-SIMBOLO-DE-RESISTENCIA-T-RADICAO-E-PODER-FEMININO/](http://www.afreka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-t-radicao-e-poder-feminino/). ACESSO EM 10 ABRIL DE 2023